

Aspectos empírico-gramaticais para uma proposta acerca do domínio da sintaxe da fala

Empirical-grammatical aspects to a proposal on the
dominion of spoken syntax

Aspectos empírico-gramaticales para una propuesta sobre el
domínio de la sintaxis del habla

Luis Filipe Lima e Silva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/Brasil)

luisf.1397@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0188-2861>

RESUMO

A Language into Act Theory propõe que o domínio da sintaxe da fala é a unidade informacional, que restringe ou barra qualquer relação sintática possível entre os elementos lexicais. O objetivo deste trabalho é discutir e problematizar essa abordagem oferecendo uma proposta alternativa para essa questão. A partir de uma incursão em aspectos empírico-gramaticais, propõe-se que o domínio da sintaxe da fala é o constituinte. Uma das evidências a favor dessa proposta é a existência de constituintes descontínuos entre unidades informacionais, que atestam sua existência mesmo quando interpolados por outros elementos morfossintáticos. A percepção dos constituintes descontínuos é atestada também por meio de experimentação. A partir da proposta de que o constituinte é o domínio da sintaxe da fala, propõe-se alguns princípios da sintaxe dessa diamesia extraídos a partir de dados de *corpora*.

PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe da fala; Constituinte sintático; Domínios sintáticos.

* Sobre o autor ver página 28.



ABSTRACT

Language into Act Theory states that the dominion of the spoken syntax is the information unit, that constrains or blocks any possible syntactic relation between the lexical elements. The goal of this paper is to discuss and problematize this framework offering an alternative proposal to this issue. Departing from an incursion in some empirical-grammatical aspects, it is proposed that the dominion of the spoken syntax is the constituent. One of the evidences concerning this proposal is the existence of discontinuous constituents between information units, that attest its existence even when interpolated by other morphosyntactic elements. The perception of the discontinuous constituents is attested also by an experimental approach. Based on the proposal that the constituent is the dominion of the spoken syntax, it is proposed some principles of the syntax of this diamesia extracted of corpora data.

KEYWORDS: *Spoken syntax; Syntactic constituent; Syntactic domains.*

RESUMEN

La Language into Act Theory propone que el dominio de la sintaxis del habla es la unidad de información, que restringe o prohíbe cualquier posible relación sintáctica entre elementos léxicos. El objetivo de este trabajo es discutir este enfoque ofreciendo una propuesta alternativa para este tema. A partir de una incursión en los aspectos empírico-gramaticales, se propone que el dominio de la sintaxis del habla es el constituyente. Una de las evidencias a favor de esta propuesta es la existencia de constituyentes discontinuos entre unidades informativas, que dan fe de su existencia incluso cuando son interpolados por otros elementos morfosintácticos. La percepción de componentes discontinuos también se atestigua a través de la experimentación. Partiendo de la propuesta de que el constituyente es el dominio de la sintaxis del habla, se extraen algunos principios de la sintaxis de esa diamesia de los datos de corpora.

PALABRAS-CLAVE: *Sintaxis del habla; Constituyente sintáctico; Dominios sintácticos.*

1 Introdução

Desde a proposta de Cresti (2014) para a organização da sintaxe da fala, que considera que a unidade informacional barra qualquer relação sintática entre os elementos lexicais e configura-se como uma ilha sintático-semântica, nos termos da autora, tem-se assumido, no âmbito da *Language into Act Theory* (cf. CRESTI, 2018) e em abordagens similares (cf. WEISSER, 2016), que o domínio ou o lócus da sintaxe da fala é a unidade informacional, que, conforme já mencionado, restringe as eventuais relações sintáticas que podem se desenvolver entre os itens lexicais distribuídos ao longo de unidades informacionais distintas realizadas por meio da prosódia. O objetivo deste trabalho é problematizar essa abordagem e promover o debate sobre o tema realizando uma proposta alternativa para do domínio da sintaxe da fala.

Discutem-se evidências empíricas mostrando que é mais razoável assumir que o domínio da sintaxe da fala seja uma unidade efetivamente sintática, e não pragmática. A partir dessa proposta e da pesquisa realizada com *corpora* de fala (cf. SILVA, 2020), é possível formular alguns princípios da sintaxe da fala. Mas antes, é preciso mostrar os problemas que a L-AcT enfrenta na sua proposta, o que será feito na próxima seção.

2 Avaliando a proposta da Language into Act Theory

A *Language into Act Theory* [L-AcT] (CRESTI, 2018) individualiza o enunciado como a unidade de referência da fala. Ele é definido como a menor unidade linguística que possui autonomia pragmática e interpretabilidade em isolamento. A fala se desenvolve através de quebras prosódicas de valor terminal e não-terminal e o enunciado é identificado por meio da percepção de uma quebra prosódica de valor terminal. As quebras não-terminais segmentam o enunciado em unidades internas. No nível prosódico, tanto as quebras terminais quanto as não-terminais correspondem a unidades tonais. Já no nível pragmático, elas correspondem a unidades informacionais que carregam funções específicas no discurso. A única unidade necessária e suficiente para a realização de um enunciado é a unidade de Comentário (COM). Ela carrega a força ilocucionária do enunciado e transmite uma ilocução ou um ato de fala (AUSTIN, 1962) por meio de perfis prosódicos específicos próprios de cada ilocução. Portanto, todo enunciado necessariamente veicula um ato de fala e sua autonomia pragmática é conferida pela prosódia. As outras unidades informacionais se distribuem a partir da unidade de COM segundo sua posição anterior ou posterior a ele. Uma vez que é a prosódia que veicula a ilocução, não existe uma correlação estrita entre elementos lexicais específicos com cada ilocução (HELLBERND; SAMMLER, 2016). Por exemplo, para que a ilocução de ordem seja veiculada não é necessário haver um verbo no imperativo, basta que haja um perfil prosódico de ordem sobre um dado conteúdo lexical qualquer.

De acordo com o modelo IPO [*Institute of Perception Research*] (t^o HART et al. 1990), o enunciado comporta muitos movimentos de f₀, sendo a maioria deles de natureza involuntária. A L-AcT assume que os movimentos voluntários que possuem relevância perceptiva carregam determinadas funções pragmáticas. A essa integração entre prosódia e funções pragmáticas é que a estrutura informacional do enunciado se desenvolve. Dessa forma, a estrutura informacional não é identificada com base na acessibilidade do referente (informação dada ou nova) como é comumente assumido em outras abordagens. Para a L-AcT, existe um inventário de formas prosódicas que estão associadas a funções de ordem informacional disponível aos falantes para transmitir seu discurso. Portanto, unidades prosódicas e unidades informacionais são concebidas como duas dimensões de um mesmo objeto. As categorias da estrutura informacional se desenvolvem por meio de

unidades informacionais veiculadas pela prosódia e cada uma possui uma função específica na composição do enunciado. As unidades informacionais podem ser de natureza textual, quando seu papel é de organizar sintática e semanticamente o enunciado, ou dialógica, quando seu papel é de regular a interação dirigindo-se diretamente ao interlocutor. Essas últimas são conhecidas na literatura como marcadores discursivos. As unidades textuais são o Comentário, o Comentário Ligado, o Comentário Múltiplo, o Tópico, o Apêndice de Tópico, o Apêndice de Comentário, o Parentético e o Introdutor Locutivo. As unidades dialógicas são o Alocutivo, o Fático, o Incipitário, o Conativo, o Expressivo e o Conector Discursivo. Apresenta-se, abaixo, um quadro indicando as unidades informacionais e suas respectivas funções.

Quadro 1. Unidades informacionais e suas respectivas funções

	Nome	Etiqueta	Função
<i>Unidades textuais</i>	Comentário	COM	Carrega a força ilocucionária do enunciado.
	Tópico	TOP	Identifica o domínio de aplicação da força ilocucionária do enunciado.
	Apêndice de Comentário	APC	Conclui o enunciado integrando o texto de COM.
	Apêndice de Tópico	APT	Fornecer uma informação atrasada integrando a informação dada em TOP.
	Comentário Múltiplo	CMM	Faz parte de uma cadeia de dois ou mais Comentários que são interpretados holisticamente devido ao seu padrão prosódico.
	Comentário Ligado	COB	Faz parte de uma sequência de dois ou mais Comentários (Estrofe), produzida por adjunções progressivas que seguem o fluxo do pensamento do falante, enquanto ele está construindo seu discurso.
	Parentético	PAR	Inserir uma informação metalinguística dentro do enunciado.
	Introdutor Locutivo	INT	Tem a função metalinguística de introduzir discurso reportado, pensamento falado e exemplificação emblemática.
<i>Unidades dialógicas</i>	Alocutivo	ALL	Específica para quem a mensagem é direcionada.
	Fático	PHA	Serve para garantir a manutenção do canal comunicativo, mantendo-o sob controle.
	Conativo	CNT	Incita o falante a tomar parte na interação.
	Incipitário	INP	Abre o canal comunicativo.
	Expressivo	EXP	Funciona como um suporte emocional dentro da interação, enfatizando uma afiliação social compartilhada.
	Conector Discursivo	DCT	Conecta diferentes partes do discurso, marcando sua continuidade; é típico de textos monológicos.

Fonte: adaptado de Moneglia e Raso (2014).

O conteúdo das unidades dialógicas nunca é composicional com o material linguístico anterior ou posterior à sua realização, portanto não nos interessa discutir o estatuto dessas unidades. A proposta da L-AcT acerca do domínio da sintaxe da fala gira em torno das unidades informacionais textuais. Os elementos lexicais são distribuídos no enunciado de duas maneiras: dentro de uma mesma unidade informacional ou entre unidades informacionais. Cresti (2014) denomina a organização em que os elementos ocupam uma mesma unidade informacional de linearização. Quando tais elementos se encontram distribuídos entre unidades informacionais diferentes ocorre o que a autora denomina como padronização. A proposta da autora é que as relações sintáticas só se estabelecem efetivamente na fala nos casos em que há linearização. Na organização denominada padronização as relações sintáticas deixam de existir e o que permanece são apenas as funções informacionais veiculadas por cada unidade.

De acordo com Cresti (2014), as unidades informacionais são ilhas sintático-semânticas, ou seja, não é possível existir qualquer tipo de relação sintático-semântica entre as unidades informacionais. Isso significa, por exemplo, que qualquer elemento que porventura seja realizado em TOP não poderá manter relação sintática com elementos realizados em COM. A autora sustenta sua proposta argumentando que “as relações sintático-semânticas básicas tais como escopo de predicação, regência, modificação, quantificação, subordinação e coordenação, e os valores modais caem dentro da ilha textual”¹ (CRESTI, 2014, p. 370). Nesse caso, a ilha textual a que a autora se refere é cada unidade informacional textual, como TOP, COM, COB, INT etc. Dentro dessa perspectiva, a sintaxe da fala se desenvolve apenas dentro de cada unidade informacional, isto é, estaria restringida pelas unidades informacionais. Desse modo, o domínio da sintaxe da fala seria a unidade informacional.

Em pesquisa realizada a respeito da distribuição de NPs sujeito e anacoluto em TOP, Silva (2020) constatou que a unidade informacional não pode ser o lócus da sintaxe da fala, uma vez que existe uma gama de dados que contradizem essa proposta. Abaixo é possível notar em dados extraídos dos *corpora* segmentados e anotados segundo os pressupostos da L-AcT que as relações sintáticas dos elementos distribuídos entre unidades informacionais não são cessadas por virtude de ocuparem unidades distintas. Os dados são extraídos do trabalho de Silva (2020):

- (1)
 LYN: and your horse’s foot /^{TOP} is just really wide or something
 //_{COM}
 “e a pata do seu cavalo é muito larga ou algo assim”

¹ Tradução nossa do original: “[...] basic syntactic/semantic relations such as scope of predication, regency, modification, quantification, subordination and coordination relations, and modal values fall inside the textual island”.

- (2)
LUZ: se ocê passar em segundo lugar /^{TOP-r} cê tá muito bem
/COM-r ué //^{PHA-r}
- (3)
SIL: ou é vinho bom caro /^{CMM} ou é cerveja //^{CMM}
- (4)
SIL: nũ é igualzim de casa de pobre /^{CMM} que tudo que tem põe
pra fora não //^{CMM}
- (5)
XYZ: und den Kerl /^{TOP} habe ich immer
noch nicht //^{COM}
e o-SG.ACC garoto ter-1SG.PRS.IND eu ainda não
“e eu não tenho o garoto ainda”

Em (1), há uma relação de sujeito-predicado no inglês entre o NP *your horse's foot* e VP seguinte do enunciado realizado na unidade de COM. Em (2), a relação de subordinação se mantém entre uma adverbial condicional em TOP e a principal em COM. Observe que o sujeito das duas orações são correferenciais. Há duas orações coordenadas em (3) entre duas unidades distintas de CMM, o que atesta outro tipo de relação sintática, qual seja, a de coordenação. O exemplo (4) é particularmente interessante porque mostra um caso de negação dupla no português brasileiro. O escopo do segundo advérbio de negação recai sempre no verbo da oração principal. Como a oração principal está na primeira unidade de CMM, o segundo advérbio de negação que se encontra na segunda unidade de CMM tem escopo sobre o verbo *ser* da oração principal que se encontra na primeira unidade de CMM, e não sobre os verbos das subordinadas. O exemplo (5) também é interessante porque mostra a sensibilidade da oração em COM ao conteúdo em TOP no alemão. Em primeiro lugar, é possível notar uma marca de acusativo no determinante do NP, o que já evidencia uma relação sintática com o conteúdo seguinte. Mas o mais interessante notar é que como o alemão é uma língua V2, há uma inversão do verbo *habe* com o sujeito *ich*, uma vez que a primeira posição já foi ocupada pelo NP acusativo em TOP, o que evidencia mais uma vez que a unidade informacional não é capaz de barrar as relações sintáticas existentes entre elementos que se distribuem em unidades informacionais diferentes.

A questão que permanece em aberto é: se a unidade informacional não é o lócus da sintaxe da fala, onde estaria o seu localizado o seu domínio? Este trabalho procura apresentar uma proposta para o domínio da sintaxe da fala considerando aspectos empíricos.

3 O domínio da sintaxe na fala

Identificar o domínio da sintaxe na fala requer atestações empíricas e experimentais, embora neste trabalho focaremos apenas na abordagem empírica. Considerando esse tipo de aporte, salienta-se que os princípios que serão elaborados na seção “Proposta de princípios acerca da sintaxe da fala” devem ser verificados em outros conjuntos de dados a fim de que sejam atestados, tendo em vista que há evidentes limitações naquilo que se pode fazer em termos de pesquisa empírica, ou seja, não é possível pesquisar todas as estruturas sintáticas a fim de elaborar uma proposta absolutamente completa. A pesquisa é algo constante e os aprimoramentos teóricos são frutos naturais da continuidade dos trabalhos.

O objetivo inicial é mostrar a importância do constituinte na construção das estruturas sintáticas que são realizadas na fala. Posteriormente, serão propostos alguns princípios para a sintaxe da fala extraídos a partir da argumentação proposta e de dados de *corpora*. Vale mencionar que o constituinte é entendido como a unidade linguística que carrega uma palavra ou um grupo de palavras que funciona como uma única unidade dentro de uma estrutura hierárquica.

4 Aspectos empírico-gramaticais relacionados ao domínio da sintaxe da fala

Considerar o constituinte como o domínio da sintaxe na fala implica avaliar os dados dos *corpora* de uma forma diferente da de um modelo em que a sintaxe é restringida pela estrutura informacional, tendo em vista que um constituinte pode manter relação sintática com outros constituintes mesmo se é separado por uma unidade informacional. Nesta seção, serão discutidos a importância do constituinte como o domínio da sintaxe na fala, alguns fenômenos que ocorrem no discurso oral mostrando como a análise a partir do constituinte esclarece certos pontos de interface da sintaxe com a estrutura informacional e alguns princípios de ordem probabilística que podem ser formulados a partir da observação dos dados linguísticos. Empiricamente, é natural que o domínio da sintaxe na fala corresponda a uma categoria gramatical, já que o componente sintático se desenvolve por meio de categorias e operações gramaticais. Algumas operações passam, em certa medida, pelo componente prosódico, no caso da desambiguação de sentenças, por exemplo. Sem embargo, na maior parte das vezes a estrutura sintática é guiada apenas pelo potencial combinatório das palavras, conforme descrevem Indefrey et al. (2001):

[...] no estágio de codificação sintática, a mensagem pré-verbal é codificada linguisticamente recuperando as palavras correspondentes

(“lemas”) do léxico mental e organizando-as numa ordem gramatical. Esse processo usa as informações sintáticas armazenadas das palavras, tais como classe de palavra e gênero gramatical, para computar uma estrutura que especifica as relações das palavras numa sentença e determina sua ordem e marcas de flexão. Essa computação é feita de maneira altamente automática e eficiente (INDEFREY et al. 2001, p. 5933)².

As informações sintáticas estão codificadas no léxico, pois as palavras não se combinam de forma inteiramente aleatória. As estruturas que são construídas na cadeia da fala a partir dessas informações se fundam através da organização hierárquica e do ordenamento das palavras tendo como unidade o constituinte. A prosódia modula tais estruturas de modo a distribuí-las em unidades com valor informacional e, eventualmente, guia a interpretação de um arranjo ambíguo, ajustando a estrutura de uma forma específica a fim de evitar um segundo sentido.

Uma corrente teórica vai além do raciocínio mencionado acima ao propor que a prosódia exerce um domínio maior sobre a sintaxe. Os autores que acreditam que a prosódia determina a sintaxe citam, por exemplo, o caso do servo-croata. Nessa língua, é preciso que um número mínimo de duas palavras fonológicas ocorra em posição de tópico para que a sentença seja gramatical (cf. ZEC; INKELAS, 1990):

- (6)
- a. *U Rio de Žaneiru ostali = su dve godine*
em Rio de Janeiro ficar = *aux* dois anos
“No Rio de Janeiro, eles ficaram dois anos”
- b. **U Riju ostali = su dve godine*
em Rio ficar = *aux* dois anos
“No Rio, eles ficam dois anos”

Nessa mesma linha, alguns autores propõem que a prosódia pode identificar e determinar uma categoria sintática. Mettouchi (2018) propõe que em kabyle (família afro-asiática, Argélia) a definição da categoria objeto direto está relacionada à noção de fronteira prosódica. Segundo a autora, o objeto direto nessa língua é definido como o único nome no estado absoluto (*absolute*

² Tradução nossa do original: “Then, in the “syntactic encoding” stage, the preverbal message is linguistically encoded by retrieving the corresponding words (“lemmas”) from the mental lexicon and arranging them in a grammatical order. This process uses the stored syntactic information of words, such as word class and grammatical gender, to compute a syntactic structure that specifies the relations of words in a sentence and determines their order and inflectional markings. This computation is done in a highly automatic and efficient manner”.

state)³ que pode ocorrer dentro do mesmo grupo prosódico em que se encontra o verbo – sendo que deve segui-lo – sem que seja correferente a um pronome afixado ao núcleo verbal. Izre’el (2018) sugere que no hebraico toda classe de palavra pode tornar-se um predicado. Dessa maneira, o que identifica essa categoria no fluxo da fala é a segmentação prosódica por meio de um perfil de contorno final. Nas palavras do autor, “[...] uma fronteira prosódica principal sempre indica o fim de uma oração e também o início de uma nova oração no enunciado seguinte (conjunto prosódico)” (IZRE’EL, 2018, p. 1697)⁴. Para Izre’el (*op. cit.*), cada enunciado compõe-se de um domínio de predicado que carrega o estatuto informacional, o foco e a modalidade expressos pela prosódia.

Nas abordagens mostradas acima, a prosódia teria o papel de licenciar sintagmas em posição de tópico, de definir uma categoria sintática identificando-a por meio do contínuo entoacional e de delimitar um domínio de predicado correspondente a uma oração no fluxo da fala. Ao que nos consta, tais fenômenos não são reportados nas línguas pesquisadas por nós – português, inglês e espanhol, e também não encontramos algo semelhante em nossa incursão pelos dados dos *corpora* selecionados para estudo (cf. SILVA, 2020). Se por um lado há uma corrente teórica que entende que a prosódia determina a estruturação sintática, há outra corrente que diz o oposto. No âmbito dos estudos formais, há trabalhos dedicados a mostrar a influência que a sintaxe exerce sobre o fraseamento prosódico (*prosodic phrasing*). Tal influência se dá através de algumas regras postuladas especificamente para essa finalidade. A estruturação sintática não permitiria, por exemplo, que haja uma quebra prosódica de modo que aceite a formação de dois sintagmas entoacionais (*Intonation Phrase* – IP) distintos entre um PP e o resto da oração, como mostram os exemplos abaixo adaptados de Taglicht (1998), em que os parênteses indicam um único IP.

- (7)
- a. (on Monday morning Crystal left)
 - b. (on Monday morning) (Crystal left)
 - c. *(on Monday) (morning Crystal left)

O exemplo (7c) é agramatical porque o fraseamento prosódico desviou da estrutura sintática violando a seguinte regra: “As regras fonológicas frasais são translinguisticamente *sensíveis à estrutura sintática de constituinte* num

³ A categoria de estado corresponde a afixos que ocorrem nos nomes. Essa categoria varia em função do gênero e do número. Sua forma *default* é o absoluto. Tal forma não desempenha nenhuma função específica, já a forma anexada tem a função de “provide the value (in the logical sense) for the variable of the function grammaticalized in a preceding constituent” (METTOUCHI; FRAJZYNGIER, 2013, p. 2).

⁴ Tradução nossa do original: “(...) a major prosodic boundary always indicates the end of a clause and therefore also the beginning of a new clause in the following utterance (prosodic set)”.

sentido muito geral” (PAK, 2008, p. 2, grifo da autora)⁵. Essa regra diz que as palavras não são agrupadas aleatoriamente em domínios fonológicos, mas respeitam aspectos básicos da sintaxe subjacente das sentenças. Portanto, de acordo com tal regra, um PP não poderia ser dividido em dois IPs distintos porque quebraria esse constituinte internamente. Como será mostrado adiante, essa regra parece se aplicar aos dados empíricos, embora não de uma forma rígida, ou seja, existe a possibilidade de que um PP seja dividido internamente, o que indica que essa seria mais uma regra de ordem probabilística do que categórica.

Clark e Wasow (1998) formulam a hipótese da continuidade, que estabelece que os falantes preferem produzir constituintes num fluxo contínuo, isto é, sem interrompê-los. Os autores mencionam algumas correspondências de tal hipótese com dados de fala espontânea: (i) há maior chance de uma pausa ocorrer entre constituintes do que dentro deles (MACLAY; OSGOOD, 1959; BOOMER, 1965); (ii) quanto maior cuidado se tem na fala, menor será o número de pausas e *fillers* dentro dos constituintes (GOLDMAN-EISLER, 1968); (iii) quando os falantes retratam uma palavra de conteúdo, frequentemente eles retornam à fronteira do constituinte antes daquela palavra (LEVELT, 1983; MACLAY; OSGOOD, 1959). Por exemplo, no dado de Clark e Wasow (1998) “I heard his name mentioned by {-} Carter, I think, by Darlington, while I was down there”, o falante não substitui o conteúdo apenas pelo nome *Darlington*, mas sim pelo PP *by Darlington*. Strangert (2004) efetivamente encontrou 80% de coincidência entre fronteira prosódica e constituinte sintático no conjunto de dados de fala espontânea analisados por ela⁶.

Outra evidência para o constituinte como o domínio da sintaxe na fala vem da existência, em algumas línguas, de uma operação que divide o constituinte em duas partes distribuindo suas subpartes em posições diferentes na sentença, mas preservando o seu estatuto sintático de um único constituinte. Os dados do ucraniano abaixo ilustram esse fenômeno no âmbito nominal. Esses exemplos são de Féry et al. (2007) e mostram a forma canônica da oração, em (8a), a divisão que resulta num constituinte descontínuo, em (8b), e uma inversão possível desse mesmo constituinte, em (8c). O símbolo “i” subscrito indica um sintagma entoacional (IP).

- (8)
- a. Ordem canônica
 [Marija pročytala *ikavnu-ACC.FEM knyžku-ACC.FEM*]_i
 Mary has-read interesting book
 “Mary has read an interesting book”

⁵ Tradução nossa do original: “Phrasal phonological rules are cross-linguistically *sensitive to the syntactic constituent structure* in some very general sense”.

⁶ Segundo a autora, “[c]learly, in most cases the speakers manage to deliver their utterances without suspending speech within syntactic constituents” (STRANGERT, 2004, n. p.).

b. Divisão simples (*simple split*)

[*Cikavu-ACC.FEM_{NFOC}* Marija pročytala *knyžku-ACC.FEM*]_i
 interesting Mary has-read book

c. Divisão invertida (*inverted split*)

[*Knyžku-ACC.FEM_{TOP}*]_i [Marija pročytala *cikavu-ACC.FEM_{NFOC}*]_i
 book Mary has-read interesting

Os autores dizem que a divisão pode ser coesiva ou não-coesiva. No primeiro caso, o constituinte dividido é parte de um mesmo sintagma entoacional, ao passo que no segundo caso há a realização de dois sintagmas entoacionais. Geralmente, a divisão simples é coesiva e a invertida é não-coesiva. A necessidade de focalizar uma parte do constituinte seria a motivação para a ocorrência da divisão simples, já a divisão invertida envolve tanto uma parte focalizada quanto outra topicalizada. Os autores consideram como foco a situação em que a sentença inteira constitui informação nova (*wide focus*) e em que uma parte da sentença serve de resposta a uma pergunta prévia sobre aquela mesma parte (*narrow focus*). Desse modo, a motivação para a realização de constituintes descontínuos no ucraniano seria, segundo os autores, de ordem informacional. A diferença entre as divisões coesiva e não-coesiva seria atestada por meio de traços morfossintáticos. De acordo com Féry et al. (2007), em casos de divisão coesiva invertida a marca de nominativo plural do nome *cadeira* do exemplo (9) seria mantida, já em casos de divisão invertida não-coesiva seria exigida a marca de genitivo plural nesse mesmo nome, conforme ilustram os exemplos abaixo fornecido pelos autores. Observe que em (9d) a ordem canônica é agramatical se o nome *cadeiras* é realizado com sufixo de genitivo plural.

(9)

a. Ordem canônica

[Marija maje *try-ACC krisla-NOM.PL*]_i
 Mary has three chairs
 “Mary has got three chairs”

b. Divisão invertida coesiva

[*Krisla* maje Marija *try*]_i
 chairs has Mary three

c. Divisão invertida não-coesiva

[*Krisel-GEN.PL_{TOP}*]_i [Marija maje *try*]_i
 chairs Mary has three

d. Ordem canônica com genitivo

*Marija maje *try krisel*

Mary has three chairs

Uma evidência experimental que mostra que de fato um constituinte descontínuo mantém seu estatuto sintático sem formar dois constituintes individuais separados é apresentada no trabalho de Sekerina (1997). A autora investiga a sintaxe do fenômeno de *scrambling* em russo e aspectos de seu processamento por meio de experimentos *online* e *offline*. Como nessa língua ocorre tanto constituintes descontínuos quanto *scrambling*, foi possível desenvolver dois pares de sentenças para ser usados no teste de leitura autocadenciada. O primeiro par é composto por uma sentença com *split scrambling* sem ambiguidade e outra com XP-*scrambling* sem ambiguidade. O outro par é composto por uma sentença com *split scrambling* ambígua e outra com XP-*scrambling* igualmente ambígua:

- (10)
- | | FRAME 1 | FRAME 2 | FRAME 3 | FRAME 4 |
|----|--|------------------|----------------------------------|--------------------------|
| a. | <i>Rummju</i>
loud-ACC | kupili
bought | naci sosedi
our neighbors-NOM | <i>sobaku</i>
dog-ACC |
| | ‘Our neighbors bought the loud dog’ – <i>Split scrambling</i> sem ambiguidade | | | |
| b. | <i>Sobaku</i>
dog-ACC | kupili
bought | naci sosedi
our neighbors-NOM | <i>decevo</i>
cheaply |
| | ‘Our neighbors bought the dog cheaply’ – XP- <i>scrambling</i> sem ambiguidade | | | |
| c. | <i>Borzju</i>
borzoi-ACC | kupili
bought | naci sosedi
our neighbors-NOM | <i>sobaku</i>
dog-ACC |
| | ‘Our neighbors bought the borzoi dog’ – <i>Split scrambling</i> ambíguo | | | |
| d. | <i>Borzju</i>
borzoi-ACC | kupili
bought | naci sosedi
our neighbors-NOM | <i>decevo</i>
cheaply |
| | ‘Our neighbors bought the borzoi dog cheaply’ – XP- <i>scrambling</i> ambíguo | | | |

Nas sentenças XP-*scrambling*, há um advérbio no lugar do nome *sobaku* ‘cachorro’, que aparecia nas *split scrambling*. Já as sentenças ambíguas eram compostas pelo item *borzoi*, que tem tanto uma leitura nominal quanto adjetival. Dessa forma, esse item poderia substituir tanto o adjetivo de uma sentença *split scrambled* quanto o nome de uma XP-*scrambled*. O experimento consistiu de 256 sentenças – 32 quádruplos com alvo no DP, como mostrado nos exemplos, e 32 quádruplos com alvo em PPs, além de 8 distratores. A leitura foi dividida em *frames*, conforme pode ser notado na apresentação dos exemplos. No primeiro *frame*, aparecia parte do constituinte dividido ou um XP-*scrambled*, no segundo aparecia o verbo, o terceiro era composto pelo sujeito pós-verbal e o quarto, pelo nome do constituinte dividido ou pelo advérbio. Os resultados do experimento mostraram que o *split scrambling* demandou um tempo maior de leitura, portanto apresentou maior custo de processamento do que o XP-*scrambling*. Todavia, o que mais interessa é o fato

de que os participantes reanalisam a sentença com *split scrambling* comportando um constituinte descontínuo. Eles demoram mais tempo para ler um verbo depois do adjetivo inicial na sentença sem ambiguidade. A esse respeito, autora diz que

esse aumento no tempo de leitura sugere que a reanálise ocorre depois que os sujeitos hipotetizaram inicialmente um XP-*scrambled* DP ou PP, antecipando que um nome seguisse imediatamente o adjetivo. A necessidade de reanalisar esse DP ou PP como descontínuo e de construir uma sentença *split-scrambling* imporá uma carga adicional ao processador (SEKERINA, 1997, p. 278)⁷.

O estatuto da descontinuidade do constituinte é, portanto, atestada na medida em que ocorre a reanálise da estrutura apresentada no experimento. Isso indica que a noção de constituinte é válida mesmo quando suas partes não estão em adjacência.

5 Proposta de princípios acerca da sintaxe da fala

A partir da consideração de que o constituinte comporta o domínio da sintaxe na fala, é possível formular alguns princípios que incidem sobre essa unidade e causam impacto na estrutura informacional do enunciado. Tais princípios são elaborados por meio da observação dos dados de *corpora*, extraídos previamente da pesquisa de Silva (2020). Para uma atestação efetiva de alguns dos princípios, seria necessário evidentemente uma incursão maior nos *corpora* em busca de um tratamento quantitativo dos dados. Não obstante, acreditamos que nossa pesquisa permite a elaboração desses princípios com a devida ressalva. O primeiro princípio revela como a sintaxe se organiza e qual é o seu domínio na fala.

Princípio A: a organização das palavras dentro do enunciado se desenvolve a partir da formação de constituintes, sendo estes o domínio da sintaxe na fala independentemente da estruturação informacional veiculada.

Defende-se este princípio neste trabalho por meio de uma argumentação baseada em dados empíricos e experimentais (cf. SEKERINA, 1997). A principal linha argumentativa se baseia, primeiramente, na possibilidade de elementos em unidades informacionais diferentes manterem algum tipo de relação sintática, o que justifica que a estrutura informacional

⁷ Tradução nossa do original: This lengthening of reading times suggests that reanalysis occurs after subjects initially hypothesized an XP-scrambled DP or PP, anticipating a noun to immediately follow the adjective. The necessity of reanalyzing this DP or PP as discontinuous, and of constructing a split-scrambling sentence instead, would impose an additional burden on the processor.

não condiciona um bloqueio das relações sintáticas na fala. Isso se torna muito evidente se considerarmos o exemplo abaixo que ilustra um caso de dupla negação verbal no PB. Observa-se que o fato de que o segundo advérbio de negação esteja localizado na segunda unidade informacional do enunciado não impede que ele tenha escopo sobre o verbo da primeira unidade. É importante notar que caso ele tivesse escopo sobre algum verbo da unidade informacional em que se encontra, a interpretação seria agramatical em PB⁸.

- (11)
 *SIL: [136] nũ é igualzim de casa de pobre /^{CMM} que tudo que tem
 põe pra fora não //^{CMM}

Dessa maneira, torna-se importante buscar o domínio da sintaxe na fala, uma vez que não se poderia mais considerar que ele seja a unidade informacional. A proposta do constituinte compondo esse domínio recebe respaldo empírico e experimental, além de trazer razoabilidade considerando que se trata de uma unidade sintática servindo de domínio à sintaxe, e não uma unidade pragmática como é a unidade informacional. Do ponto de vista empírico, algumas tendências podem ser notadas, sobretudo a de que os falantes preferem não cindir o constituinte internamente, conforme será discutido adiante. Alguns estudos mencionados anteriormente também apontam essa tendência.

O segundo princípio pôde ser elaborado a partir da análise de dados do inglês de falantes com as afasias de Broca e de Wernicke, respectivamente, que não será apresentada integralmente aqui por questão de espaço (para mais detalhes, cf. SILVA, 2020). Contribuíram também dados de um *minicorpus* do inglês americano (cf. CAVALCANTE; RAMOS, 2016) analisado por nós em Silva (2020) e diz respeito a correlações entre a estrutura informacional e a articulação sintática/taxa de fala.

Princípio B: quanto menor a possibilidade de arranjo sintático, menor também será a variedade informacional. Quanto maior a taxa de fala, menor será a variedade informacional.

Um arranjo sintático complexo gera a possibilidade de uma distribuição informacional igualmente complexa, pois as orações e suas partes organizadas hierarquicamente têm o potencial de dividir-se prosodicamente ocupando diferentes unidades informacionais num enunciado complexo. Quando não existe a possibilidade de uma organização sintática complexa devido aos problemas provocados pela afasia de Broca, os elementos são distribuídos geralmente em enunciados simples, uma vez que a transmissão da mensagem se dá por meio de uma fala de estilo telegráfico, isto é, através de

⁸ Os exemplos desta seção são extraídos do trabalho de Autor (2020).

sintagmas simples e orações curtas. Dessa forma, não há menor variedade informacional porque não existe material linguístico suficiente que permita uma articulação informacional complexa. Desempenha um papel importante nesse fato a prosódia, já que é por meio de tal componente que a estrutura informacional é veiculada. Como os sujeitos com afasia de Broca apresentam disprosódia e um esforço maior de articulação para a transmissão da fala, há conseqüentemente um número muito elevado de disfluências, tais como *retractings* e escansões. A tomada de tempo também é muito presente, pois o falante deseja manter o turno enquanto se esforça para transmitir o enunciado pretendido. Tudo isso contribui para que a estrutura informacional se reduza em termos de variedade de unidades. Observe no exemplo abaixo a fala de estilo telegráfico transmitida por meio de enunciados simples, a quase total ausência de elementos funcionais e a alta taxa de disfluência verificada pelas escansões, tomadas de tempo e *retractings*, veiculadas, respectivamente, pelas unidades de SCA, TMT e EMP:

- (12)
- MEG: [7] and /AUX what did you used to do //COM
 MIK: [8] &he /TMT well /SCA &he /TMT worked //COM [9] &he /TMT
 Autodesk //COM [10] &he /TMT seven [1]EMP seven /SCA
 WIF: [11] sales //COM
 MIK: [12] / sales //COM [13] sales /COB and /AUX worldwide //COM
 [14] and /AUX very good //COM [15] yeah //COM

Embora na afasia de Wernicke o componente sintático não seja afetado como na afasia de Broca, ou seja, o sujeito mantém uma articulação sintática complexa, observou-se que a variedade informacional também é reduzida, mas isso se deve ao fato de que a taxa de fala do sujeito é muito elevada. Quando o sujeito transmite sua fala de modo rápido, a possibilidade de haver variações prosódicas que veiculem diferentes unidades informacionais é reduzida. De uma forma geral, o inglês norte-americano apresenta uma taxa de fala elevada. Não por acaso Chafe (1987) encontrou, nos dados utilizados em sua pesquisa, cerca de 75% de casos em que uma oração era transmitida por um único IP nessa língua. A diafasia também pode influenciar a diminuição da variedade informacional, pois os textos monológicos são compostos majoritariamente por estrofes que carregam vários COBs. Para ilustração, apresenta-se abaixo um trecho da fala de um sujeito com afasia de Wernicke. Observe que embora a fala do paciente seja fluente, o aspecto semântico está fortemente comprometido.

- (13)
- *MEG: [1] hi Byron //COM [2] how are you //COM
 *BYR: [3] I'm happy /COB are you pretty //COM [4] you look good
 //COM

- *MEG: [5] what are you doing today //COM
 *BYR: [6] we stayed with the water over here at the moment /COB
 and talk with the people /COM for them over there //APC [7]
 they're diving for them /COM at the moment //APC [8] but they'll
 save in the moment /COB held water /TOP very soon //COM [9] for
 him //COM [10] with luck //COM [11] for him //COM
 *MEG: [12] so we're on a cruise /COB and we're about <to get to
 Juneau> +EMP
 *BYR: [13] <we will sort right> here /TOP and they'll save their
 hands right there //COM [14] <for them> //COM

O terceiro princípio diz respeito à distribuição de elementos que não possuem relação sintática dentro de um mesmo enunciado e é praticamente categórico nos dados de *corpora* orais.

Princípio C: caso os itens de um enunciado não apresentem relação sintática, eles tendem a ser divididos por unidades informacionais distintas.

Esse princípio comporta uma classe de dados em que ocorrem os chamados anacolutos sintáticos, isto é, itens independentes que não possuem relação sintática com o conteúdo seguinte do enunciado. Essa classe de dados admite uma análise do tipo proposto pela L-AcT relacionada à noção de ilha sintática. No entanto, essa análise não pode ser generalizada para os outros casos em que a composicionalidade sintática é mantida mesmo entre unidades informacionais diferentes (cf. exemplos 1-5). Acreditamos que os itens sem relação sintática são agrupados separadamente nas unidades informacionais para evitar a agramaticalidade que poderia ser gerada caso eles ocorressem juntos numa mesma unidade. A questão de cada oração estar distribuída em unidades separadas estaria relacionada à proposta de Chafe (1994), que estabelece que as unidades entoacionais estão correlacionadas à expressão de ideias mínimas que processualmente veiculam um pensamento completo. O primeiro exemplo abaixo mostra duas unidades completas separadas por um COB e o segundo exemplo mostra um NP anacoluto separado por TOP.

- (14)
 *EVN: [27] mas é fechado /COB nũ dá pra ir //COM

- (15)
 *CHU: [164] <la boquilla dorada> /TOP eso era lo más //COM

O quarto princípio diz respeito à possibilidade de que um constituinte seja dividido internamente.

Princípio D: a cisão interna de um sintagma em unidades informacionais distintas tende a ser evitada.

Estudos empíricos reportados nesta seção (MACLAY; OSGOOD, 1959; BOOMER, 1965; GOLDMAN-EISLER, 1968; STRANGERT, 2004) afirmam que a tendência de ocorrer quebras prosódicas dentro dos constituintes é menor do que na fronteira deles. Estudos formalistas propõem ser agramatical a quebra prosódica dentro do constituinte (TAGLICHIT, 1998; PAK, 2008). É possível que haja efetivamente uma quebra prosódica dentro do constituinte. Contudo, essa quebra na maior parte dos casos parece não ser motivada pragmaticamente, ou seja, são quebras resultantes de disfluências, embora haja a possibilidade de que a quebra tenha valor informacional, mas esses casos parecem constituir um número muito reduzido. Embora não tenhamos feito uma varredura nos *corpora* analisados buscando tais casos, na nossa incursão pelos textos durante a etapa da coleta de dados esse tipo de dado não foi saliente. Apresentamos dois casos no inglês, o primeiro em que um PP é dividido internamente e o segundo em que o adjetivo é separado do NP.

- (16)
- a. *KEN: [45] <University> of /^{INT} South <Guadalajara> hhh
//_{COM}
 - b. *JAM: [154] white /_{CMM} whole wheat /_{CMM} sourdough /_{CMM}
or rye //_{CMM}

As formas esperadas seriam “University of South Guadalajara //” ou “University / of South Guadalajara //” e “White whole wheat...”. A possível explicação para que haja uma tendência de que a quebra prosódica com valor informacional dentro do constituinte seja menor do que em sua fronteira poderia residir no comportamento neurocognitivo encontrado no processo de compreensão dessa unidade linguística. Se considerarmos, conforme indicam Nelson et al. (2017), que há um pico de ativação neural durante a formação de um constituinte e uma queda depois de ele já ter se formado, a cisão dentro do constituinte provocaria um efeito não esperado na compreensão da sentença. De posse desse conhecimento, os falantes provavelmente tenderiam a evitar que esse efeito agisse no seu interlocutor durante a transmissão da mensagem. Contudo, uma investigação tanto experimental quanto empírica deveria ser realizada para maior aprofundamento do problema.

6 Considerações finais

Buscou-se mostrar neste texto que do ponto de vista empírico existem correlatos que indicariam que o domínio da sintaxe na fala deve ser

considerado o constituinte. O fato de que haja uma possível restrição prosódico-informacional relacionada à distribuição de uma quebra interna, a manutenção de seu estatuto como constituinte mesmo nos casos em que suas partes não se encontram em adjacência, em exemplos de *split* e todas as tendências que dizem respeito a sua divisão relacionadas à hipótese da continuidade são fatores empíricos que contribuem para a proposta de o domínio da sintaxe na fala se fundar na noção de constituinte sintático.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BOOMER, D. Hesitation and grammatical encoding. **Language and Speech**, [S.L.], v. 8, p. 148-158, 1965.
- CHAFE, W. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. (org.). **Givenness, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics, and Points of View**. Amsterdam: Benjamins, 1987. p. 21-51.
- CHAFE, W. **Discourse, consciousness, and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CLARK, H; WASOW, T. Repeating words in spontaneous speech. **Cognitive Psychology**, v. 37, p. 201-242, 1998.
- CRESTI, E. Syntactic properties of spontaneous speech in the Language into Act Theory: data on Italian complements and relative clauses. In: RASO, T.; MELLO, H. (org.). **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 365-410.
- CRESTI, E. The illocution-prosody relationship and the Information Pattern in spontaneous speech according to the Language into Act Theory (L-Act). **Linguistik online**, v. 88, n. 1, p. 33-62, 2018.
- FÉRY, C., PASLAWSKA, A., FANSELOW, G. Nominal split constructions in Ukrainian. **Journal of Slavic Linguistics**, v. 15, n. 1, p. 3-48, 2007.
- GOLDMAN-EISLER, F. **Psycholinguistics: Experiments in Spontaneous Speech**. New York: Academic Press, 1968.

HELLBERN, N.; SAMMLER, D. Prosody conveys speaker's intentions: Acoustic cues for speech act perception. **Journal of Memory and Language**, v. 88, p. 70-86, 2016.

INDEFREY, P.; BROWN, C.; HELLWIG, F.; AMUNTS, K.; HERZOG, H.; SEITZ, R.; HAGOORT, P. A neural correlate of syntactic encoding during speech production. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 98, p. 5933-5936, 2001.

IZRE'EL, S. Syntax, Prosody, Discourse and Information Structure: The Case for Unipartite Clauses. A View from Spoken Israeli Hebrew. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 4, p. 1675-1726, 2018.

LEVELT, W. Monitoring and self-repair in speech. **Cognition**, v. 14, p. 41-104, 1983.

MACLAY, H.; OSGOOD, C. Hesitation phenomena in spontaneous English speech. **Word**, v. 15, p. 19-44, 1959.

McCARTHY R.; WARRINGTON E. **Cognitive Neuropsychology: A Clinical Introduction**. San Diego: Academic, 2013.

METTOUCHI, A. Prosodic Segmentation and Grammatical Relations: the Direct Object in Kabyle. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 4, p. 1571-1599, 2018.

METTOUCHI, A.; FRAJZYNGIER, Z. A previously unrecognized typological category: The state distinction in Kabyle (Berber). **Linguistic Typology**, v. 17, n. 1, p. 1-30, 2013.

MONEGLIA, M.; RASO, T. Notes on Language into Act Theory (L-Act). In: RASO, T.; MELLO, H. (org.). **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 468-495.

NELSON, M.; KAROUI, I.; GIBER, K.; YANG, X.; COHEN, L.; KOOPMAN, H.; CASH, S.; NACCACHE, L.; HALE, J.; PALLIER, C.; DEHAENE, S. Neurophysiological dynamics of phrase-structure building during sentence processing. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 114, p. E3669-E3678, 2017.

PAK, M. **The postsyntactic derivation and its phonological reflexes**. Orientador: David Embick. 2008. 292f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics, University of Pennsylvania, Philadelphia, 2008.

SEKERINA, I. **The Syntax and Processing of Scrambling Constructions in Russian**. Orientadora: Janet Dean Fodor. 1997. 344f. Tese (Doutorado em Linguística) – Graduate Faculty in Linguistics, The City University of New York, New York, 1997.

SILVA, L. F. L. **Sintaxe da fala, probabilidade e cognição**: uma proposta integrada de investigação em estudo sobre NPs baseado em corpus. 2020. 309f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

STRANGERT, E. Speech Chunks in Conversation: Syntactic and Prosodic Aspects. In: SPEECH PROSODY 2004, 2004. Nara. **Proceedings** [...]. Nara, 2004. p. 305-308.

TAGLICHT, J. Constraints on Intonational phrasing in English. **Journal of Linguistics**, v. 34, p. 181-211, 1998.

t' HART, J.; COLLIER, R.; COHEN, A. **A perceptual study on intonation**: an experimental approach to speech melody. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

WEISSER, M. **How to Do Corpus Pragmatics on Pragmatically Annotated Data**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2016.

ZEC, D.; INKELAS, S. Prosodically constrained syntax. In: INKELAS, S.; ZEC, D. (org.). **The Phonology-Syntax Connection**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1990.

Recebido em 22 de julho de 2021

Aceito em 15 de setembro de 2021.

Publicado em 30 de novembro de 2021.

SOBRE O AUTOR

Luis Filipe Lima e Silva é doutor em Estudos Linguísticos pela UFMG com tese sobre uma proposta probabilística para o estudo da sintaxe da fala; é mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG, com dissertação sobre a negação verbal no português brasileiro em estudo baseado em corpus; é bacharel em Letras (com habilitação em Linguística) pela UFMG, com monografia sobre as estratégias de focalização no português brasileiro em estudo baseado em corpus. Tem interesse nas áreas de sintaxe, gramaticalização, pragmática e linguística de corpus.

E-mail: luisf.1397@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0188-2861>